

**PATRÍCIA HELENA CAVALCANTI FERREIRA
FERNANDES**

O REGIONALISMO NO BRASIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do CURSO de Pós-Graduação Lato Sensu em Língua Portuguesa, Compreensão e Produção de Textos.

Orientadora: Pro^a Janaína Maria Lopes
Ferreira

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO DE MOEMA
JABOTICABAL – SP
2008**

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 O REGIONALISMO NO BRASIL..... | 9 |
| 1.1 Os sertanistas..... | 11 |
| 1.2 Os modernistas..... | 12 |
| 1.3 A literatura social..... | 12 |
| 2 IMPORTÂNCIA DO REGIONALISMO NO COTIDIANO BRASILEIRO..... | 16 |
| 2.1 Um século do dialeto calpira..... | 17 |
| 2.2 Expressões típicas de diversas regiões..... | 18 |
| 3 O CORDEL NO NORDESTE..... | 21 |
| 3.1 Expressões típicas do Nordeste..... | 26 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 28 |
| REFERÊNCIAS | 30 |

RESUMO

A importância do fenômeno do regionalismo na língua portuguesa compreende como imprescindíveis considerações sócio-históricas, que facilitam sua compreensão. Este trabalho propõe uma análise de como o regionalismo influenciou e influencia a linguagem literária brasileira, seja com influências de Portugal, seja trazendo a realidade brasileira das diversas regiões na literatura. Ousamos dizer que a literatura regional se confunde com a própria literatura brasileira.

Outro destaque apontado neste trabalho é a literatura popular no Brasil determinado como cordel nordestino, que é uma forma de manifestação do sentimento do homem comum do Nordeste, que tem forte penetração nas camadas mais humildes da população.

O Regionalismo extrapolou projeções e transcendeu suas mais nobres inspirações. Ele foi o grande veículo que ensejou a notáveis intelectuais brasileiros aprofundar o conhecimento da nossa terra, do nosso povo e dos nossos valores e tradições.

Regionalismo, não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, as suas lutas e as suas belezas (...) O homem só é amplamente homem quando é regional".

João Cabral de Melo Neto



Dedicamos
este trabalho ao Prof.
Fernandes Neto, meu pai,
que contribuiu para a
execução do mesmo.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pela possibilidade de viver e a virtude de amar.

Aos **meus pais** que sempre me incentivaram e me deram condições de estudar.

À orientadora **Professora Janaína Maria Lopes Ferreira**, pela dedicação e incentivo.

Aos **Docentes** da Faculdade de Educação São Luis, pela ciência adquirida.

Aos **Colegas de sala, em especial a Denise, Raquel e Suzette**, pela compreensão e aprendizado nesse período.

INTRODUÇÃO

São imprescindíveis à análise do fenômeno lingüístico do regionalismo na língua portuguesa algumas considerações sócio-históricas, que facilitam sua compreensão conceitual e o efetivo dimensionamento de sua progressão em nosso país.

A língua portuguesa é transplantada para o Brasil, onde já eram faladas várias línguas indígenas e de imigrantes, no contexto de uma aventura de colonização que se estendia a Moçambique, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e às variedades em uso pelas populações de Goa, Damão e Macau, na Ásia, além do Timor na Oceania.

Em 1532, com a fundação das vilas de São Vicente e de Piratininga, começa efetivamente a colonização.

Durante os primeiros tempos, o tupinambá (língua da família tupi-guarani) conviveu, juntamente com outras línguas indígenas e com o idioma português, porém, em 1757, por meio de Provisão Real foi proibido o uso do tupi.

Só a partir de 1808, com a chegada da família real, a situação começaria a mudar consideravelmente.

Com dom João VI vieram cerca de 15 mil portugueses, boa parte integrante das elites da administração, da política, da economia e da cultura de Portugal. O Rio de Janeiro era uma cidade pouco desenvolvida, agitada com problemas de toda natureza. A presença da corte em território brasileiro transformou o Brasil na sede do

império. Além da abertura dos portos, que representou grande impulso para o nosso progresso, possibilitou a instalação da imprensa – até então proibida –, cuja inauguração ocorreu com a impressão da Gazeta do Rio de Janeiro.

Deu-se, em consequência, um forte “reaportuguesamento”, sobretudo da língua falada nos centros urbanos, a partir da influência irradiada do Rio de Janeiro. Os integrantes da corte e todas as pessoas requestadas por esta para prestarem serviços ao governo imperial passaram a dominar a ambiência carioca com sotaque, modos, estilos, jeitos europeus, com o que reforçavam os atos e as determinações oficiais produzidos no português como vigente em Lisboa e Coimbra.

Depois da Independência, teve início a chegada de imigrantes europeus no Sul e no Centro do País, como italianos, alemães, japoneses e outras etnias que acrescentaram expressões típicas de suas nacionalidades, enriquecendo a língua portuguesa em alguns casos, noutros praticamente a substituindo com o falar de suas nações.

É importante lembrar que, bem antes, ocorrera o que podemos chamar de imigração forçada, que foi a importação de milhões de negros da África, trazidos para o Brasil em condições degradantes, nos famigerados “navios negreiros”, denunciados de forma exuberante pelo gênio e estro de Castro Alves, através do poema Navio Negreiro.

1 O REGIONALISMO NO BRASIL

Deu-se o início do regionalismo no Brasil nos meados do século 19. E são apontados como seus principais autores José de Alencar, Bernardo de Guimarães, Alfredo d'Escragnole Taunay e Franklin Távora. Tem, portanto, uma tradição de quase 150 anos.

Pode-se afirmar, sem nenhum receio de equívoco, que entre as principais obras da literatura brasileira, figuram textos de cunho regionalista.

Cabe acentuar, desde logo, que a literatura genuinamente brasileira confunde-se com a regionalista.

Nessa linha, assinala José Guilherme Merquior que "José de Alencar foi o patriarca da literatura nacional plenamente, isto é, lingüisticamente, constituída. Em IRACEMA ou LUCÍOLA se consuma o aparecimento de uma língua literária inequivocamente brasileira" (DE ANCHIETA A EUCLIDES, 1979,p.85).

A vasta obra de Alencar procura enfocar a natureza, os costumes, as tradições, a vida dos brasileiros, mediante um olhar nacionalista, por alguns considerado um pouco distante da realidade, pois bastante idealizador e mítico. Ele tenta marcar seus escritos como enquadrados num "dialeto brasileiro". Acredita que a ruptura com Portugal deve proporcionar o surgimento de uma literatura autenticamente nacional, que represente a nação independente.

"Entende que, sendo a língua instrumento do espírito, não pode ficar estacionária quando este se desenvolve. Fora realmente extravagante que um povo, adotando novas idéias e costumes, mudando os hábitos e

tendências, persistisse em conservar rigorosamente aquele modo de dizer que tinham seus maiores." ("Pós-escrito" in DIVA. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957).

Deve ser salientado que o consagrado autor de IRACEMA concebia seu inconformismo com o que ele considerava a submissão dos brasileiros às imposições da língua portuguesa como um instrumento de ação política. Ficaram famosas suas polêmicas com alguns escritores lusitanos. Na verdade, ele não questionava só a tutela de Portugal no plano cultural e artístico, investia contra questões gramaticais, enfrentando-as na prática, contrariando-as explicitamente, às vezes.

Sobre o chamado estilo brasileiro de José de Alencar, muitos estudiosos têm escrito, notando-se evidente diversidade de opiniões.

Gladstone Chaves de Melo concluiu que Alencar escrevera "em boa língua portuguesa, mas com estilo brasileiro". (PRETI, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1982).

Alencar escreveu em pleno romantismo e o movimento romântico, como é sabido, em expansão no começo do século, tinha duas vertentes: o individualismo e o romantismo, que atuaram como fatores de pressão em prol de uma literatura que privilegiasse o falar e o sentimento do povo brasileiro.

Em seus romances, os heróis são índios, são pessoas simples, cujas virtudes e beleza ele exalta com admiração, glamour e simpatia.

Inegável que o escritor cearense se insurgia contra a ortografia da língua portuguesa e postulava por um dialeto brasileiro, que deveria ter o seu próprio cânone.

O tempo trouxe a solução mais acertada. Com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1886, chegou-se à tacita acomodação de aceitar-se a modalidade brasileira na língua portuguesa, notadamente no tocante ao

regionalismo literário.

1.1 Os sertanistas

Alheios à temática europeia, despontaram os chamados sertanistas, escritores que colocavam o sertanejo no centro das atenções, como símbolo do autêntico brasileiro.

Nesse campo estão Bernardo Guimarães, o Visconde Taunay e Franklin Távora.

Duas obras de Guimarães merecem relevo: O Seminarista, contra o celibato clerical, e A Escrava Isaura, contra a escravidão. A última teve grande sucesso, há poucos anos, como novela na televisão. Foi exibida no Brasil, em Cuba e na China.

O Visconde de Taunay, que era engenheiro, pintor e militar, escreveu uma obra, em 1872, que é muito elogiada pelos mestres da literatura nacional. Foi "Inocência", história ocorrida no Centro-Oeste, em que os hábitos e costumes do sertão são descritos e analisados com estilo e talento.

"Inocência", para alguns, é vista como pequena obra-prima. De fato, seu enredo garantiu pleno êxito no cinema. A ingenuidade, traída por circunstâncias imprevistas, assegurou grande interesse do público pelo filme, ratificando o resultado positivo já obtido pelo livro.

Franklin Távora ficou conhecido pelo romance O Cabeleira, que tem o cangaço como tema, utilizando recursos de ficção romântica. Tentou fazer do regionalismo um movimento, tendo para isso lançado até um manifesto.

Ainda nessa linha não podem ser esquecidos Cangaceiros, de José Lins do Rego e Seara Vermelha, de Jorge Amado, embora escritos no século 20.

1.2 Os modernistas

Os modernistas, que fizeram e/ou apoiaram a Semana de Arte Moderna de 1922, realizada em São Paulo, retomaram, com grande ímpeto, os ideais dos que defenderam com Alencar à frente, senão um dialeto brasileiro, a bandeira da brasilidade, do distanciamento da dominadora influência européia, apontada como fonte de atraso da nossa cultura.

Mário e Oswald de Andrade foram os principais porta-vozes desse movimento que, embora durante sua realização, tenha sido mal recebido pela população que não entendia o seu real alcance e significado, deitou raízes profundas nas letras, na cultura, nas artes em geral, quebrando paradigmas, detonando arcaicos conceitos poéticos e descortinando as bases da modernidade que colocaria o Brasil no caminho do progresso e do desenvolvimento social e econômico.

1.3 A literatura social

O regionalismo atravessaria uma fase conhecida como da literatura social, que começou com a publicação do livro A BAGACEIRA, do escritor paraibano José Américo de Almeida, no ano de 1928. Na sua esteira, vêm Graciliano Ramos com VIDAS SECAS, Rachel de Queiroz, entre outras, com O QUINZE e José Lins do Rego, com MENINO DE ENGENHO.

O tema comum era o sertão, com tudo o que ele representa: a injustiça social, as péssimas condições de trabalho da maioria da população, a fome, a miséria, o desespero, o latifúndio.

José Américo, com A BAGACEIRA como que deu a senha: é chegado o momento de nos voltarmos para a nossa realidade, para o nosso meio, deixando de lado a visão passadista da idealização, da mitificação, das aparências. Passa, então

para a denúncia, no sentido de alertar a sociedade urbana, representada pelas elites dos doutores, dos coronéis, dos fazendeiros; sobre o silêncio forçado em que viviam os habitantes do interior, dos sertões e das caatingas, abandonados à própria sorte.

É o romance social, que empolga uma geração de escritores que aparecem no cenário das letras comprometidos com clamores de justiça, de dignidade, de reconhecimento dos direitos daqueles que nunca tiveram voz nem vez, aprisionados nos engenhos de açúcar, em fazendas de criação de gado, submetidos às dolorosas conseqüências da seca.

Esse cenário de denúncias, de reivindicações, de diagnósticos de um modelo sócio-econômico caracterizado pela insensibilidade dos poderosos, causa de profundas desigualdades, preparou, com efeito, as bases de uma ulterior etapa da literatura brasileira que, ainda no século 20, se firmaria como o instante maior do regionalismo no Brasil.

Além dos citados José Lins do Rego e Graciliano Ramos, merecem ser referidos como expoentes Érico Veríssimo, João Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.

Veríssimo produziu notável obra literária, na qual descreveu, analisou, mapeou, esclareceu e enalteceu o caráter, os hábitos, os costumes, as tradições do povo gaúcho. Entre tantos livros que publicou, podem ser lembrados O tempo e o Vento, Olhai os Lírios do Campo, O Senhor Embaixador.

Guimarães Rosa, mui justamente proclamado como o mais importante escritor brasileiro do ponto de vista da inovação da linguagem, a partir de Grande Sertão: Veredas, marca, sem sombra de dúvida, um momento de excepcional grandeza da literatura nacional.

O emérito escritor das Minas Gerais logrou, na articulação das tramas, na

invenção dos diálogos dos seus personagens, na descrição dos tipos humanos e da natureza um tal grau de novidade e de originalidade que pontificará, certamente para sempre, como o arquiteto do mais belo monumento literário do regionalismo em nosso País.

Há quem estabeleça comparação entre a obra de Guimarães Rosa e de Graciliano Ramos, afirmando que o sertão do primeiro é exaltado ("o sertão está em toda parte"), os seus personagens são fortes, confiantes, arranjam soluções para as mais difíceis encruzilhadas, enquanto o sertão de Graciliano é áspero, duro, seco, dominado pela dor e pela tristeza.

O crítico Antonio Cândido vê a etapa do regionalismo valorizada pelas produções de Guimarães Rosa e tantos outros como Super-regionalista, em alusão ao surrealismo, também inspirado por *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, que teria exposto em versos os problemas do sertão nordestino, com um tratamento lírico superior. (Ciencialit.lettras.ufrg.br)

E coube ao autor de *Morte e vida severina* explicitar, com clareza absoluta, o que configura o regionalismo e os seus limites, inclusive no campo da poesia:

"O regionalismo não é uma linguagem regional, que o inutilizaria, mas falar de problemas que estão mais próximos da pessoa que fala: a dor do homem, a alegria, as suas lutas e as suas belezas etc. Não, é claro, com a limitação de uma linguagem local, que inutiliza a expressão universal e a transmissão objetiva do conteúdo humano do poema ou do romance. (...) Apenas com aquele interesse intrínseco do humano, na valorização do humano. O que limita o regionalismo não é o tema de interesse circunscrito, mas a linguagem, com seus perigos de fixação que lhe poderá inutilizar a universalidade. (...) O que interessa é o problema do homem. Quando me bato pelo regionalismo é para mostrar, numa anedota, o local, os sentimentos comuns a todos os homens. O homem só é amplamente homem quando é regional. Se me tirar a estrutura ideológica do pernambucano, eu nada sou. Faulkner, por exemplo, é profundamente universal porque é regional e nacional. (...) O perigo do regionalismo para o poeta é também a limitação da linguagem, porque o conteúdo psicológico lá está indiretamente no seu conteúdo humano. E a poesia, em geral, não é realista, ou melhor, não permite tanto realismo como o romance." (Entrevista a Marques Gastão, publicada no DIÁRIO DE LISBOA de 03 de maio de 1958).

A conceituação que João Cabral faz do regionalismo parece extremamente

2 IMPORTÂNCIA DO REGIONALISMO NO COTIDIANO BRASILEIRO

Impõe-se, por primeiro, reconhecer que os movimentos que, em diferentes épocas, defenderam a adoção de um dialeto brasileiro, o qual iria além da adaptação do idioma lusitano às nossas peculiaridades, se não triunfaram cabalmente, registraram inequívocos avanços na direção pretendida.

É impossível não reconhecer que a língua portuguesa, lenta mas progressivamente, foi assumindo uma feição própria diante do português de Portugal, que viria a constituir o denominado português brasileiro.

Antes da apresentação de exemplos práticos de como se processou esse fenômeno de "dialetação", é necessário asseverar-se que, na atualidade, o Brasil exibe notórias diferenças no tocante a dialetos regionais e características específicas de determinadas áreas, urbanas e rurais.

Nem podia ser diferente: Território continental, com ampla diversidade de solo, de recursos naturais, com extenso litoral, os falares, os saberes, os costumes de habitantes da Amazônia são inteiramente diferenciados dos que moram no Rio Grande do Sul, por exemplo.

É oportuno salientar que, num mesmo Estado, são nítidas as diferenças semânticas, prosódicas e lexicais. O litoral e o sertão espelham comportamentos e práticas que se opõem uns aos outros.

Quando se estudam as diferenças regionais do chamado português brasileiro,

elucidativa, posto que, de forma até didática, ele procurou evidenciar o que realmente tipifica o texto como regionalista. Seu alerta sobre a limitação da linguagem vale como rico esclarecimento a ser aproveitado por todos aqueles que incursionam pelo regionalismo. É incontroverso que muitos autores não conseguiram realizar seu intento com o proveito desejado. Isto, porque não souberam observar as fronteiras abordadas por Cabral entre o regional e o universal.

O século 20 viveu, pois, o apogeu do regionalismo na literatura brasileira, embora muitas nuances e até tendências possam ser identificadas. Obra monumental que não pode ser excluída do grande painel da literatura nesse período é *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em que destinado a relatar as batalhas de Canudos, no fim do século 19, terminou por realizar um grande ensaio sociológico com estudo e análise do homem, da terra e do meio.

Embora por todos aplaudido e proclamado como um dos maiores e mais importantes livros da cultura brasileira, muitos criticaram o que consideram excessiva exaltação do sertanejo nordestino. É conhecida e repetida por todos sua expressão "o sertanejo é, antes de tudo, um forte".

A justificativa para essa pretendida mitificação do habitante do sertão foi o massacre que Antonio Conselheiro e os sertanejos que o seguiam, sofreram das forças militares, enviadas pelo governo federal para debelar a insurreição de Canudos.

costuma-se assim classificá-las: a) dialetos do Norte – amazônico e o nordestino; b) dialetos do Sul - baiano, fluminense, mineiro e sulista.

É evidente que tal divisão comporta subdivisões em razão das imensas diferenças regionais, ainda não completamente definidas. Existem muitos estudos e pesquisas sobre a matéria, em andamento, especialmente no meio universitário. Ainda vai demorar o real alcance de um mapeamento completo dos falares e dos hábitos regionais, no amplo território do português.

2.1 Um século do dialeto caipira

Em termos de dialeção, São Paulo viveu durante um século a fascinante e instigante experiência do falar, do sentimento e dos hábitos tidos como caipiras, estudada de forma exaustiva pelo folclorista bandeirante Amadeu Amaral, na obra intitulada DIALETO CAIPIRA, publicada em 1920.

Logo na introdução, o autor observa, com argúcia:

“Ao tempo em que o célebre falar paulista reinava sem contraste sensível, o CAIPIRISMO não existia apenas na linguagem, mas em todas as manifestações da nossa vida provinciana. De algumas décadas para cá tudo entrou a transformar-se”. Entre as causas motivadoras da mudança, Amaral cita a substituição do braço escravo pelo assalariado, “que afastou da convivência cotidiana dos brancos grande parte da população negra, modificando assim um dos fatores da nossa diferenciação dialetal”.

Os genuínos caipiras, no seu dizer, eram os roceiros ignorantes e atrasados, que passaram a perder influência, sendo isolados, cada vez menos ouvidos na formulação dos destinos da comunidade.

É interessante notar que os caipiras, no longo período em que foram protagonistas, exerciam ascendência inclusive sobre a minoria culta que, embora letrada e erudita, assimilava particularmente seu sotaque, facilmente perceptível.

Sobre as características mais gerais do dialeto paulista, elucida Amaral que a prosódia caipira difere essencialmente da portuguesa.

"O tom geral do frasear é lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamentos e esfumaturas que enriquece a expressão das emoções na pronúncia portuguesa". (AMADEU AMARAL, 1920)

Acrescenta que os acentos em que a voz mais demoradamente carrega, na prolação total de um grupo de palavras, "não são em geral os mesmos que teria esse grupo na boca de um português; e as pausas que dividem tal grupo na linguagem corrente são aqui mais abundantes, além de distribuídas de modo diverso".(AMADEU AMARAL, 1920)

O Dialeto Caipira é obra de fundamental significação para a compreensão, tanto mais abrangente quanto possível, das variações dialetológicas que constituem o português brasileiro.

Quando se inventariar, um dia, a trajetória da evolução da língua portuguesa em nosso País, capítulo especial há-de ser reservado ao dialeto caipira, variação lingüística e social que só aconteceu no Estado de São Paulo e que prosperou predominantemente na zona rural. O município de Piracicaba foi o eixo principal desse movimento. Ainda hoje há filhos da cidade que se identificam como "caipiracicabanos".

2.2 Expressões típicas de diversas regiões

É natural que em decorrência das enormes desigualdades econômicas existentes entre o Norte e o Sul sempre tenha se desenvolvido grande diversidade nas condições de vida de seus habitantes, variedades no linguajar, nos hábitos e nas formas de procedimentos mais comuns. Essa forma de atuação foi muito estimulada no Nordeste, quando muitos dos seus escritores e intelectuais acusavam a intelectualidade do Sul de procurar reduzir a influência e o valor do que era

produzido na região nordestina.

Franklin Távora, no prefácio de seu livro *O cabeleira*, traz essa divisão à tona, em termos radicais:

"Norte e Sul são irmãos, mas são dois. Cada um há de ter uma literatura sua, porque o gênio de um não se confunde com o de outro. Cada um tem suas aspirações, seus interesses, e há de ter, se já não tem sua política". (TÁVORA apud ANTONIO CÂNDIDO, *Formação da Literatura Brasileira*, Martins Editora, São Paulo, 1959, p.299).

Não se pretende concluir com a citação trazida à colação que as mudanças dos falares nas diversas regiões do Brasil estejam vinculadas a questões como as aventadas por Távora. Reconhecê-las contribui, todavia, para se ter um entendimento mais claro de certos fatos que influenciam no surgimento de expressões que refletem, muitas vezes, situações geradas por rivalidade ou até animosidade.

Só como ilustração: durante muitos anos os nordestinos que chegavam a São Paulo eram chamados de "baianos".

Uma boa amostragem das principais diferenças regionais do País foi estampada numa revista brasileira, na qual são sintetizadas as origens das diferenças regionais do português brasileiro, que reproduzimos, na essência, a seguir:

AMAZÔNIA - Sustenta que a Amazônia fala bem diferente do Nordeste, porque lá quase não houve escravidão africana. Prevaleceu a influência do tupi, língua que era desconhecida dos índios da região, mas que foi introduzida pelos jesuítas no curso da evangelização.

LITORAL NORDESTINO – A explicação é que o litoral nordestino recebeu

muitos escravos negros, enquanto o interior encheu-se de índios expulsos da costa pelos portugueses. Isso explicaria algumas diferenças dialetais. No Recôncavo Baiano, o "t" às vezes é pronunciado como se fosse "tch". É o caso de "tia", que soa como "tchia". Ou de "muito", freqüentemente pronunciado "mutcho". No interior predomina o "t" seco, dito com a língua atrás dos dentes.

MINAS GERAIS - A exploração do ouro teria levado gente de todo o Brasil para Minas, no século 18. Como toda mão-de-obra se ocupava da mineração, tornou-se necessário criar rotas de comércio para importar comida. Uma delas ligava a zona do minério com o atual Rio Grande do Sul, em que havia criação de mulas com a intermediação de São Paulo. Como as mulas não se reproduziam, eram constantemente importadas para escoar ouro e trazer alimentos. E teriam espalhado a língua brasileira pelo Centro-Sul.

RIO DE JANEIRO - O modo de falar do carioca teria sido profundamente influenciado pelos milhares de portugueses que vieram com a família real para o Brasil, em 1808. A cidade do Rio Janeiro tinha apenas 50 mil habitantes. O carioca começou a repetir o chiado dos lusitanos. Dataria daí o chiado no "s", como em "festa", que fica parecendo "feishta".

TU E VOCÊ - Como as influências, em algumas situações, se cruzam. Os tropeiros paulistas entraram no Sul no século 18, passando por Curitiba. O litoral sulista foi ocupado pelo governo português na mesma época com a transferência de imigrantes das Ilhas Açores. A isso se deveria a formação de dois dialetos. Na costa, fala-se "tu", como é comum até hoje em Portugal. No interior de Santa Catarina é mais adotado o "você", que seria resultado de influência dos paulistas.

3 O CORDEL NO NORDESTE

Quando se fala em literatura popular no Brasil, logo aflora o cordel nordestino, que é uma forma de manifestação do sentimento do homem comum do Nordeste, que tem forte penetração nas camadas mais humildes da população.

O cordel teria sido introduzido em nosso País, pelos portugueses, na segunda metade do século 19. O vocábulo cordel tem origem na maneira como os folhetos eram comercializados em Portugal: em cordões.

No Nordeste, até hoje, o cordel é muito difundido. O trabalho do cordelista substitui o do jornalista, o do radialista, o do apresentador de televisão e, de modo particular, o do analista. O cordel funciona, na prática, como uma extensão dos meios de comunicação de massa. Logo que é amplamente divulgado pelo jornal, rádio e televisão um acontecimento de relevo, seja municipal, estadual ou federal, imediatamente aparecem os folhetos - geralmente redigidos em estrofes de dez, oito ou seis versos e ilustrados com xilogravuras - com uma interpretação livre, regra geral alternando realidade e ficção.

Acrescente-se que os seus textos, quase invariavelmente, revelam engenhosidade na imaginação e perspicaz senso de humor.

Examinamos, a seguir, à guisa de ilustração, três folhetos, que ratificam nossa asserção.

O primeiro é A vida dos Lampeões, de autoria de João Severo da Silva, de

Bacamarte, Paraíba. Três estrofes apenas:

Trato da biografia
do famoso Lampião
porque entrou no cangaço
qual foi a sua razão
de comandar grande grupo
que assolou o sertão.
Em 1897
Na Fazenda Ingazeira
Distrito de Vila Bela
filho de José Ferreira
D. Maria Selena
Deu à luz a vez terceira..
Foi ele o terceiro filho
Desse bondoso casa
Com um mês e vinte dias
Foi a pia bastimal
Por Virgulino Ferreira
Foi conhecido afinal.

Vejamos, agora, apenas uma estrofe do folheto O que é que a casa da cultura tem, escrito por Homero, trovador de Olinda e Recife. Atente-se para o aspecto realmente singular dessa publicação de cordel. O objetivo é divulgar o que a instituição oferece aos seus visitantes. A fotografia da Casa da Cultura ilustra a capa, valendo notar que aparecem como editores a Fundarpe – Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco e Stce - Secretaria de Turismo, Cultura e Esportes.

"Tem lojas de artesanato
Muita coisa pra vender
Boutiques com escadarias,

Para a todos atender;
Um trio de elevadores
Para poupar os senhores
De escadas subir/descer".

A morte de Tancredo Neves, ocorrida na véspera de assumir a presidência da República foi o evento que mais comoveu a sociedade brasileira. Para isso concorreu, indubitavelmente, sua longa agonia no leito do hospital. Os cordelistas nordestinos interpretaram a dor de toda a Nação com seu estilo simples, direto e popular.

Eis alguns excertos do texto de Aldemar Sebastião Alves, poeta violeiro de

Vicência, Estado de Pernambuco:

"Os brasileiros estão tristes
 o mundo está comovido
 os mares cessam as ondas
 o vento solta um gemido
 em lamentar a notícia
 de Tancredo ter morrido."
 "De uma estrela prá outra
 faz uma medida cúbica
 entre o sol e a luz
 tem uma bandeira pública
 com o nome de Tancredo
 que fez a nova República"
 "O sol veio apagar
 as manchas da noite escura
 a luz traz uma carta
 na carta uma assinatura
 do presidente Tancredo
 que acabou a ditadura".

Deve ser frisado que o cordel vem sendo amplamente estudado e pesquisado nas universidades brasileiras, ante o reconhecimento dos teóricos e operadores da comunicação de que ele desempenha uma importante função comunitária, ao transmitir a parcelas ponderáveis da população uma visão simplificada e bem-humorada dos fatos do cotidiano. Sem interesses econômicos, políticos ou de qualquer natureza, os cordelistas ao darem sua versão de tudo o que ocorre no País, dão seu contributo ao processo de amplo esclarecimento dos fatos que envolvem a vida do cidadão.

O cordel se insere, efetivamente, entre os vários e sofisticados mecanismos de comunicação. Ele pertence à "folkcomunicação", que compreende os mais rudimentares, que dispensam erudição acadêmica e parafernália tecnológica.

Vez por outra surge a notícia de personalidades do mundo cultural e artístico que se engajam na literatura de cordel, entusiasmados por descobertas que fazem no caminho de suas vitoriosas carreiras profissionais.

Foi o que aconteceu no ano passado com o cantor baiano Moraes Moreira, que anunciou o lançamento de livro, no estilo do cordel, em comemoração aos seus

60 anos. Em entrevista à revista Língua Portuguesa, o ex-integrante do grupo Os Novos Baianos esclarece porque escolheu o cordel para o texto da obra.

"Resolvi contar a história dos NOVOS BAIANOS porque muita gente jovem me perguntava sobre a nossa filosofia, como vivíamos, ensaiávamos e fazíamos as músicas, e em versos para me diferenciar do livro de Galvão (ANOS 70 E NOVOS BAIANOS), mas sem contestá-lo em nada". (LÍNGUA PORTUGUESA, nº 27, 2007, p.23).

Um pouco do cordel de Moraes Moreira:

"Pretendo ser bem fiel
Sem contestar entretanto
Tudo que já foi escrito
Num encantado cordel
Toda isenção eu garanto
E quero fazer bonito".
"Só serei um narrador
Serenos e sem desaforos
Eternizando histórias,
Assim que nem um avô
Contando para seus netos
As suas vivas memórias".

Vocabulários, glossários, dialetos.

Embora seja correto dizer-se que o passar do tempo tende a sedimentar a hegemonia da língua portuguesa, fator que muito contribuiu para a consolidação desse idioma como instrumento fundamental da unidade nacional, forçoso é testemunhar, por outro lado, que também se tem adensado, nas mais diversas regiões nacionais, a existência de legítimos códigos lingüísticos, que têm gerado, em decorrência, a edição de dicionários e glossários que parecem denunciar a convivência de vertentes dialetais ao lado da norma culta.

Alguns títulos de livros expostos nas livrarias realçam a multiplicidade de falares em todas as regiões do País, como se estivéssemos diante de embriões de dialetos lingüísticos e sociais. É útil relacioná-los, por constituírem significativa amostragem:

Assim Falava Lampião, de Fred Navarro (Estação Liberdade, 1998);

Dicionário de Acreanês, de Gilberto Braga de Mello (Companhia de Selva,

2003);

Dicionário de Baianês, de Nivaldo Lariú, (Empresa Gráfica da Bahia, 1992);

Dicionário Catarinense, de Isaque de Borba Corrêa (Insular, 2000);

Dicionário Cearês, de Marcus Gadelha (RBS,2005);

Dicionário Gaúcho brasileiro, de Batista Bossle (Artes e Ofícios, 2003);

Dicionário da Ilha - Falar & Falares de Santa Catarina, de Fernando Alexandre (Cobra Coralina – edições 1994);

Dicionário de Porto Alegre, de Luís Augusto Fischer (Artes e Ofícios, 1999);

Dicionário do Português Nordestino, de Antonio Soares da Fonseca Jr. (Factash, 2007).

É imprescindível considerar a posição de alguns lexicógrafos profissionais de contestação desses trabalhos publicados como dicionários, pois, segundo eles, falta-lhes veracidade científica. Há os que preferem denominá-los de vocabulários, pois o que eles fariam não excederia a tarefa de registro de palavras. Ponto bastante criticado, na preparação de tais dicionários, é o que diz respeito à metodologia adotada, na maioria das vezes, de perfil amadorístico. Seus autores deveriam incluir apenas as variantes vocabulares, ignorando as fonéticas. Seria essa a razão dos compêndios informais de cunho lingüístico serem tão volumosos. Considerável número de variantes fonéticas, incluído, dificulta até uma avaliação mais rigorosa do valor e da importância de tais publicações.

Inconcebível seria ignorá-las. Ainda que passíveis de glosas como as que têm sido feitas por dicionaristas tradicionais, as referidas obras apenas confirmam a complexa gama de diversidades vigentes em nosso País, máxime no concernente aos falares.

É relevante ter-se em vista que as grandes distâncias do nosso território

estimulam essas codificações de vocabulários, que retratam, com maior ou menor precisão didática e científica, os repertórios de conhecimentos, as formas de viver dos cidadãos, tudo em boa parte resultado da mobilidade social, ainda muito considerável no Brasil.

Em São Paulo ocorreu um fenômeno interessante: com a chegada dos imigrantes europeus, o dialeto caipira que já estava enfraquecido em razão de modificações ocorridas na família, na escola e, de maneira especial, da influência da televisão no linguajar e no comportamento das pessoas em sociedade, foi substituído por uma soma de influências que modularam novo padrão lingüístico-fonético, ainda não bem configurado, na opinião dos doutos estudiosos da matéria.

3.1 Expressões típicas do Nordeste

Nunca é demais salientar que as expressões têm peso decisivo na construção de uma língua. O depoimento de Manoel Bandeira, no seu famoso poema **EVOCAÇÃO DO RECIFE**, é edificante. Leiamos-lo:

“...a vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros;
Vinha da boca do povo na língua errada do povo..
Língua certa do povo.
Porque ele é que fala o gostoso português do Brasil...”

Alguns exemplos:

Atirar pedra em casa de marimbondo – mexer com quem está quieto e se arriscar.

Bater o facho - morrer; bagunçar o coreto – anarquizar, cometer desordem; birinaite - bebida alcoólica; cabreiro – desconfiado; cachete – comprimidos, pílulas; cafua – depósito, lugar pequeno; brocoió – medíocre, caipira; cascavilhar – procurar, investigar; chamaril – coisa para chamar a atenção; deforete – tomar uma brisa ao ar livre; Derna – desde; destambocar – tirar pedaço; empeiticar - importunar; encangado – junto, pregado; fulustreco – fulano; goga – contar vantagem, vaidade;

guenzo – magro, esquelético; labrugento ou lambugento – serviço malfeito; manzanza – preguiça, demora; mundaça – gente sem educação; nadica – nada; nopró – indivíduo difícil; pantim – exageros, espantos; peba - coisa ordinária; peitica - insistência incômoda; pinóia – expressão de aborrecimento; potoca – mentira; rabiçaca – sacudidela, movimento; samboque – pedaço; sorumbático – tristonho, pensativo; sustança – força, vigor; trepeça – algo que não serve para nada; virar o copo – ingerir bebida alcoólica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É natural, no atual estágio da evolução da língua portuguesa no Brasil, questionar-se sobre o seu futuro. E é indiscutível que, hoje, não mais há lugar para as polêmicas que, no passado, colocavam em posições antípodas Portugal e o Brasil. Cuida-se, no presente, de acelerar os passos com vistas ao fortalecimento da comunidade lusófona e está para entrar em vigor amplo acordo que reduz as diferenças entre o português falado no Brasil e em Portugal.

Essas são ponderações adequadas à realidade em curso, porém elas estão mais relacionadas à angulação política, às relações entre os dois países, cada dia melhores.

As preocupações e indagações que são formuladas estão ligadas às perspectivas do nosso regionalismo, em boa medida atrelado ao português na vigorosa versão brasileira.

Não são poucos os críticos que admitem estejamos sob o progressivo esvaziamento do regionalismo. Não que o sertão nordestino tenha deixado de ser terra árida, pobre, seca, cenário de dor e de sofrimento. Não que o sertão de Guimarães tenha deixado de ser atrasado, misterioso, dominado por forças insondáveis. O trabalho nas usinas de açúcar da atualidade não é muito diferente do tempo do engenho de madeira, que tanto impressionou José Lins do Rego.

Percebe-se é que os escritores contemporâneos, nascidos sob o impacto da

modernidade, da ciência e da tecnologia, tentam encontrar novos horizontes, descobrir novas fronteiras, entender novas situações, a partir do choque brutal da violência urbana, que amedronta as populações indefesas e desafiam as autoridades constituídas.

Se a temática social não é excluída da pauta, há nítido redirecionamento no tocante à focalização dos protagonistas. As favelas dominadas pelo tráfico de entorpecentes e as periferias contaminadas pelas sementes do ódio, da violência e da criminalidade, fermentadas pela insensibilidade do poder público e pelo desemprego, compõem o proscênio para onde se dirigem as atenções dos novos escritores, novelistas e dramaturgos.

O regionalismo extrapolou projeções e transcendeu suas mais nobres inspirações. Ele foi o grande veículo que ensejou a notáveis intelectuais brasileiros aprofundar o conhecimento da nossa terra, do nosso povo e dos nossos valores e tradições.

Só o tempo, que navega com a sabedoria, será capaz de dar as respostas às inquietações que nos acicatam no presente.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO ANTONIO. **Formação da Literatura Brasileira**, São Paulo, Martins Editora, 1959.

ALMEIDA, J. A. de **A Bagaceira**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1983.

MERQUIOR, J. G. de **Anchieta a Euclides**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1979.

PRETI, D. **Sociolinguística – Os níveis de fala -**, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1982..

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**, 1920. (Texto da Internet).

LITERATURA DAS PECULIARIDADES DO BRASIL
(educacao.uol.com.br/portugues)

Língua 'Brasileira' e Nacionalismo no Romance Romântico de José de Alencar. klickescritores.com.br

Colegiomateramabilis.com.br – **dialetos do brasil**

Ciencialit.lettras.ufrg.br

Revista **Superinteressante**, São Paulo, abril, 2000, p.49.

Revista **Língua Portuguesa**, São Paulo, nº 27, 2007,p23.

Fundação Joaquim Nabuco – Recife (**fundaj.gov.br/**).

FONSECA, M. C. de A. P. **A Língua Portuguesa no Brasil** Conceitos. Julho de